



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ – IFPI
CAMPUS: SÃO RAIMUNDO NONATO
CURSO: TECNOLOGIA EM GASTRONOMIA

DÊYZE MARIA SILVA NERES

**CULTURA ALIMENTAR E QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR
DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ**

São Raimundo Nonato – PI

2018

DÊYZE MARIA SILVA NERES

**CULTURA ALIMENTAR E QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR
DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, *campus* São Raimundo Nonato, como requisito para a obtenção do grau de Tecnólogo em Gastronomia.

Orientador: Prof. Me. Domingos Alves de Carvalho Júnior

São Raimundo Nonato – PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

N444c Neres, Dêyze Maria Silva
Cultura alimentar e quilombola: uma análise a partir da comunidade Riacho do Ancelmo em São João do Piauí / Dêyze Maria Silva Neres - 2018.
49 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus São Raimundo Nonato, Tecnologia em Gastronomia, 2018.

Orientador: Prof. Me. Domingos Alves de Carvalho Júnior.

1. Cultura. 2. Alimentação. 3. São João do Piauí. I. Título.

CDD 641.5

DÊYZE MARIA SILVA NERES

**CULTURA ALIMENTAR E QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR
DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, *campus* São Raimundo Nonato, como requisito para a obtenção do grau de Tecnólogo em Gastronomia.

Orientador: Prof. Me. Domingos Alves de Carvalho Júnior

Aprovado em 28/02/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Domingos Alves de Carvalho Júnior – IFPI/SRN
(Orientador/Presidente)

Prof.^a Esp. Evânia Maria de Araújo Santos - IFPI/SRN
(Examinadora Interna)



Prof. Me. Antonio Josinaldo Silva Bitencourt - UESPI/SRN
(Examinador Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente á Jeová Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, Adão e Maria da Conceição pelo o incentivo para que eu concluísse essa etapa.

Ao meu marido, Paulo pelo incentivo e por ter me acompanhado nas visitas a comunidade.

Ao meu querido orientador, Domingos Alves que tanta ajuda forneceu para este trabalho ser concluído com o êxito esperado.

Aos moradores, Rita, Raul, Sergio, Edilene, Jaquina, Maria, Zacarias e Xitara pela atenção, e todo o Território Riacho dos Negros, a comunidade pesquisada Riacho do Anselmo que contribuiu para o êxito do trabalho.

Ao grupo de docentes desta Instituição pela paciência e a oportunidade de conhecê-los.

Ao meu sobrinho, Valter Neto por ter me orientado e pelo apoio que sempre me deu.

Ao amigo, Wesley Rodrigues que sempre me apoiou e me incentivou a nunca desistir.

“Da terra, na terra, quilombolas desenvolvem atividades. Plantam e colhem os frutos de seu trabalho. Marcam sua história.”

(Glória Moura)

RESUMO

A presente pesquisa analisou a comunidade Riacho do Anselmo que integra o Território Riacho dos Negros no município de São João do Piauí, sua cultura e suas práticas alimentares. De acordo com relato histórico contido na literatura quando africanos trazidos de vários países de origem chegaram ao Brasil tiveram que se adaptar a uma nova vida. Viviam afastados, isolados tendo como sustento o que a natureza lhes proporcionava isso foi repassado aos seus filhos e desta forma eles vivem até hoje. Mais sociáveis visto que a seca obrigou muitos a usar outros meios para sobreviver, ainda fazem uso da agricultura para se manterem tanto para o próprio consumo como vendendo produtos excedentes. Assim se forma uma cultura rica que vem passando de pai para filho, uma herança de um povo que desenvolveu meios de sobrevivência em meio ao isolamento. A pesquisa foi realizada mediante levantamento bibliográfico da história do negro africano no Brasil e Piauí. Por meio de entrevistas orais e análise de caráter etnográfico em campo, verificando sua cultura e o tipo de alimento que eles consomem, pesquisando a herança alimentar de seus ancestrais, na comunidade estudada. Analisou-se que a comunidade enfrenta dificuldades para manter sua cultura mas mesmo diante das dificuldades, eles as mantêm e repassam para seus descendentes. Alimentos como milho, feijão, buchada, mugunzá, abóbora, cozinham no fogão de lenha, características quilombola, comida e modo de fazer ainda preservados.

Palavras-chave: Cultura. Alimentação. São João do Piauí.

ABSTRACT

The research analyzed the current situation of the Anselmo Creek community that belongs to the Riacho dos Negros Territory in the municipality of São João do Piauí, its culture and its feeding practices. According to a historical account contained in the literature when Africans were brought from their pais of origin and when they arrived in Brazil had to adapt to a new life. They lived apart isolated having as support what nature gave them this was passed on to their children and this way they live today. More sociable since the drought forced many to use other means to survive more they still make use of agriculture to keep up both by own consumption and by selling surplus products. A rich culture that has passed from father to son a true inheritance of a people that developed means of survival amid the isolation. The research was carried out through a bibliographical survey of the history of the African Negro in Brazil and Piauí. Through oral interviews and analysis of ethnographic character in the field, analyzing their culture and the type of food they consume verifying the food heritage of their ancestors, in the community studied. It was analyzed that the community faces difficulties to maintain its culture even in the face of the difficulties they maintain and pass on to their descendants. Foods like corn, beans, buchada, mugunza, abobora, cook on the wood stove, features quilombola, gastronomic wealth that is preserved.

Keywords: Cultura. Alimentação. São João do Piauí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01:	Escravos domésticos-----	14
Figura 02:	Zumbi dos Palmares -----	16
Figura 03:	Vista Panorâmica do Território Quilombola Riacho do Anselmo -----	24
Figura 04:	Raul Aquino Gomes e Rita de Aquino -----	25
Figura 05:	Residentes da comunidade do Junco -----	27
Figura 06:	Peças de barro na feira de São João do Piauí -----	28
Figura 07:	Manoel Rodrigues na roça no Junco.-----	28
Figura 08:	Maria Rita Pereira Nunes na feira de São João do Piauí -----	29
Figura 09:	Membros da comunidade -----	30
Figura 10:	Ovos de galinha caipira -----	32
Figura 11:	Maria Pereira moradora do Riacho do Anselmo -----	33
Figura 12:	Maria Natalia Pereira -----	35
Figura 13:	Pé de umbu -----	37
Figura 14:	Pé de abobora -----	38
Figura 15:	Milho com feijão -----	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	“QUILOMBOS” DA ATUALIDADE	17
3	ESCRAVOS E QUILOMBOLAS NO PIAUÍ	20
4	OBJETIVOS	23
4.1	OBJETIVO GERAL:	23
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	23
5	METODOLOGIA	23
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
7	CULTURA E TRADIÇÃO DO TERRITÓRIO RIACHO DOS NEGROS	28
8	ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO.....	33
8.1	PRÁTICAS DA COMUNIDADE	34
8.2	A CULTURA ALIMENTAR DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO	36
8.3	ALIMENTAÇÃO DO COTIDIANO.....	42
8.4	ALIMENTAÇÃO EM DIAS DE FESTAS	42
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A história de ocupação e formação da nação brasileira encontra-se diversos grupos convivendo no mesmo país. Assim, observa-se uma ampla variedade de costumes e tradições. Essa diversidade está presente principalmente na alimentação de cada grupo, isso diferencia grupos de indivíduos com características distintas. Com isso, a herança cultural e alimentar foi sendo repassada de geração a geração. “Nossa atitude em relação à comida são normalmente aprendidas cedo e bem e são em geral, inculcadas por adultos afetivamente poderosos, o que confere ao nosso comportamento um poder sentimental duradouro” (MINTZ, 2001, p.1).

A alimentação é essencial para a sobrevivência. É uma necessidade vital, comum a todos os seres humanos. É uma representação cultural e tem um papel fundamental no desenvolvimento dos diferentes grupos. A alimentação humana parece estar muito mais vinculada a fatores tradicionais do que às próprias necessidades humanas, tradição essa, que é repassada de geração a geração.

Uma ampla diversidade de costumes e tradições, principalmente no quesito alimentação, formou assim a nação brasileira. As comunidades quilombolas, indígenas e portuguesas tiveram suas contribuições na formação da cultura alimentar brasileira.

Os quilombolas, constituem partes das comunidades brasileiras tradicionais e já enfrentaram grandes dificuldades para se manterem inclusive em suas terras. Muitos desses vivem até hoje nos seus refúgios e mantêm suas tradições ao longo dos anos um exemplo disso são as comunidades localizadas no município de São João do Piauí lá encontramos diversas comunidades quilombolas.

As comunidades quilombolas são uma herança da história brasileira, da fuga dos escravos das grandes fazendas, engenhos e garimpos, dos maus tratos e agressões de uma sociedade desigual. Atualmente, se sabe da existência de inúmeras destas comunidades no território brasileiro e muitas já possuem reconhecimento legal com titulação de suas terras. Um exemplo é a comunidade Curral Velho, que pertence ao território Riacho dos Negros, desde 2006 possui o título de comunidade quilombola.

No município de São João do Piauí, na região sudeste do estado do Piauí a 480 km de Teresina capital do estado, possui muitas comunidades quilombolas um exemplo é a comunidade Riacho do Anselmo, localizada a 30 quilômetros da sede

municipal de São João do Piauí. Comunidade está objeto desse trabalho.

A comunidade Riacho do Anselmo está localizada na região de baixo de São João do Piauí e deu origem ao território Riacho dos Negros. Os quilombolas da “região de baixo” como são conhecidos são muitos e estes trabalham para se sustentar levando para feira na segunda-feira o fruto do seu trabalho. A escolha pela comunidade Riacho do Anselmo, justifica-se por ter sido onde tudo teve início dentro do território Riacho dos Negros, a fim de estudar sua alimentação e suas práticas culturais. Assim, desenvolver essa pesquisa permitiu vivenciar a trajetória dos quilombolas e a luta que eles enfrentam para sobreviver e manter sua cultura.

O objetivo foi analisar a situação atual da comunidade Riacho do Anselmo, tanto a sua cultura como a alimentação com enfoque para a herança alimentar de seus ancestrais.

A metodologia aplicada para o desenvolvimento desse trabalho de início foi bibliográfica, identificando autores que abordaram sobre a trajetória dos negros africanos na chegada ao Brasil e descrevendo as formas de resistência dos negros a escravidão. Identificamos autores que se dedicaram ao estudo da escravidão negra no Piauí, como foi sua trajetória no estado, mostrando sua principal atividade.

No segundo momento para a realização desta pesquisa foi feito uma pesquisa de carácter etnográfico por meio de visitas a comunidade e observação, foi feito um levantamento de suas práticas e por meio de conversas e registro dos relatos com enfoque para os alimentos mais consumido pela comunidade e registros dos mais velhos sobre a história que deu início a comunidade. Nessas visitas, a comunidade foi realizada uma documentação fotográfica. Durante o desenvolvimento do trabalho, ocorreram visitas na feira de São João do Piauí, como também na roça para registrar a história.

Prezando por uma maneira didática de apresentação, o trabalho divide-se em seis capítulos. O primeiro capítulo, destaca a importância da alimentação na vida de um ser humano e a contribuição quilombola na cultura alimentar brasileira. O segundo capítulo com base no aporte teórico, mostra como ocorreu à trajetória dos negros africanos no período colonial, como eles reagiram ao sistema escravista e como eles sobreviviam, que tipos de alimentos eles consumiam nos quilombos.

No terceiro capítulo, trata da escravidão no Piauí, qual era a atividade que se destacava e mostra a participação quilombola na sua formação. O quarto descreve a história da comunidade estudada e nos mostra que por meio do pai de Anselmo um

rico fazendeiro e das doações das terras a seu filho Anselmo e alguns escravos deu início aos quilombos da região de baixo e com o aparecimento de sua descendência o território se estendeu dando origem ao território Riacho dos Negros.

O quinto trata da cultura do território Riacho dos Negros citando o que mais se destaca em cada comunidade dentro do território vimos diversas práticas culturais como o uso de remédios caseiros a venda das cascas para fins medicinais, a capoeira como forma de expressão, o reisado, a prática das rezadeiras e benzedadeiras e suas diversas plantações tanto para o consumo como para venda.

O sexto capítulo mostra como a comunidade Riacho do Anselmo é organizada, suas práticas nos diferentes períodos do ano, a saber durante o inverno no período de chuvas eles mantem como principal atividade a agricultura. No período de estiagem eles recorrem a diversos trabalhos para sobreviverem, os homens trabalham de pedreiro ou ajudante de pedreiro cuidam das roças dos fazendeiros, as mulheres trabalham de domésticas ou vendem ovos de galinha caipira para ajudar no sustento da casa.

Observamos como é a alimentação da comunidade, eles vivem da natureza quando ela possibilita isso, consomem o milho, macaxeira, feijão, umbu vivem da caça de passarinhos, rolinha, juriti, pombos. Assim, analisamos os alimentos que consomem no seu cotidiano e observamos que devido à seca eles passaram a consumir mais alimentos comercializados e até mesmo industrializados. A comunidade Riacho do Anselmo, embora a seca dificulte a sobrevivência em alguns períodos, eles mantem sua cultura e trazem consigo o que seus pais lhes ensinaram reproduzindo isso sempre que lhes é permitido.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Durante o período colonial¹, surge o primeiro conceito oficial dos quilombolas, na resposta a uma consulta do rei de Portugal. Em 2 de dezembro de 1740 o rei de Portugal deu a seguinte definição “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte despovoa, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (ALMEIDA, 2002 *apud* CARVALHO; LIMA, 2013, p. 335).

Esses ajuntamentos é resultado da condição desumana pelo qual estavam sendo tratados os negros escravizados. A quilombagem foi uma das formas de resistência dos negros escravos, “outras como o assassinio dos senhores, dos feitores dos capitães do mato, o suicídio, as fugas individuais e outras. Mas o quilombo foi à unidade básica de luta e resistência do escravo” (MOURA, 1987, p.13).

A quilombagem foi movimento de protestos dos escravos uma forma de resistência ao escravismo, tendo como centro organizacional o quilombo, onde os escravos fugidos se refugiavam, se organizavam afim de garantirem a sobrevivência.

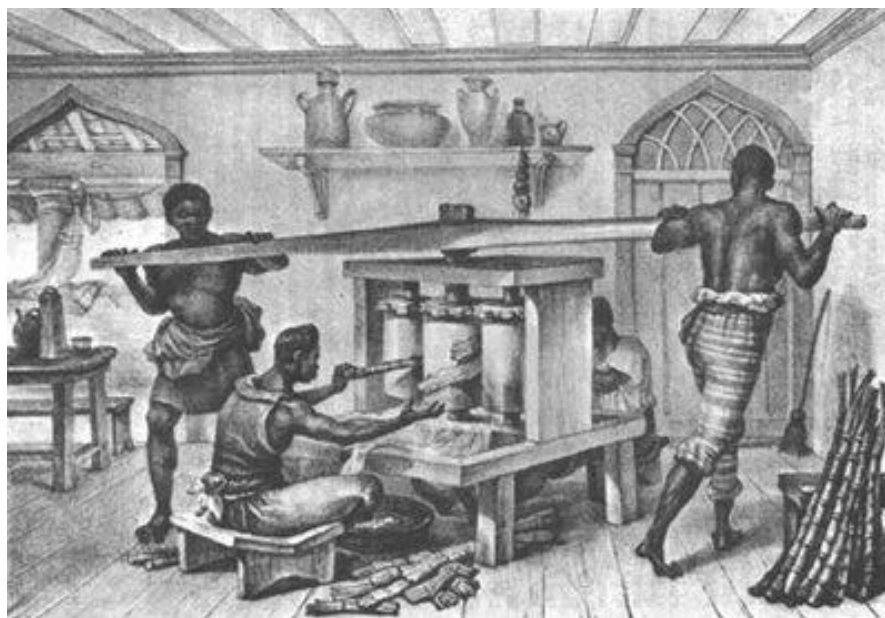
Provenientes de vários lugares do continente africano, para trabalharem nos engenhos e lavouras de cana-de-açúcar no período colonial. Além de serem submetidas a trabalhos forçados, estas pessoas eram destituídas de seus laços e vínculos familiares, sendo-lhes impostas outras formas de vida. Este processo não ocorreu sem resistência, os quilombos constituíram umas das principais estratégias de organização e oposição ao sistema escravocrata (BRASIL, 2016, p.13)

A escravidão era algo lucrativo, os negros tinham habilidades como ferreiros, mineradores, fazendas cafeeiras, construtores, agricultores plantações de algodão, fumo, cacau, cana de açúcar e trabalhadores domésticos, serviços designados provavelmente pelos senhores, trabalhos conformes (FIG 01) escravos moendo a cana provavelmente para o uso dos senhores. Outros serviços domésticos, seriam arrumar a casa, cuidar das crianças, preparar refeições. Era uma mão de obra de baixo custo. Muitos trabalhavam exaustivamente sem direito a erros caso isso

¹ O período colonial corresponde ao período entre a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil em 1500 a Independência, no ano de 1822.

acontecesse eram espancados, castigados fisicamente sendo que o açoite era a punição mais comum.

Figura 01. Escravos domésticos



Fonte: <http://thebamigos.blogspot.com.br/2011/06/os-escravos-domesticos>.

Os negros se revoltavam, recorrendo a diversas formas de resistência devido às condições desumanas. Onde tinha escravos, ali tinha luta, a resistência era algo cotidiano.

Onde houve escravo, houve resistência, e de vários tipos. Mesmo sob a ameaça de chicote o escravo negociava espaço de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava se individualmente (REIS; SANTOS 1996 *apud* TRECCANI, 2006, não paginado).

Revoltados se juntavam e arriscavam suas vidas fugindo em busca de liberdade. Os negros que conseguiram fugir, se refugiaram com outros em igual situação em locais bem escondidos no meio das matas. Os fazendeiros, donos dos escravos “apontavam que além do prejuízo sofrido quando seus escravos fugiam

para os quilombos, ficavam a mercê dos negros que faziam tocaias atacando os viajantes e roubando-os” (SILVA; SILVA, 2014, p. 194).

O quilombo mais famoso foi o de Palmares, no estado de Alagoas. Era o mais conhecido do Brasil e é hoje o símbolo da luta do Movimento Negro. Palmares foi a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo durou quase cem anos. A comunidade mais famosa, formava uma rede de povoados, sendo assim, o maior grupo mais organizado e resistente na Serra da Barriga, em Alagoas. Zumbi, um escravo fugitivo, junto aos seus companheiros, foi o fundador do quilombo e este serviu como referência para muitos escravos que almejavam a liberdade tinham a floresta como seu refúgio geralmente com difícil acesso.

Aproveitando-se da impenetrabilidade da floresta e também da fertilidade das terras, da abundância de madeiras e de caça, da facilidade de água e de meios de defesa, foram se aglomerando, reunindo novos membros e aumentando consequentemente o número de foragidos (MOURA, 1987, p. 41).

Para sobreviverem, os quilombos tiveram de desenvolver formas próprias de sobrevivência no seu próprio meio. De acordo com Moura (1987), viviam de acordo com a natureza, da caça, pesca, frutas, vegetais medicinais, óleo de palmeiras, frutos como jaca, manga, laranja, fruta-pão, coco, abacate, laranja-cravo, cajá, jenipapo e outras nativas que eles utilizavam para consumo. A caça era um importante meio de alimentação nas florestas, tinham acesso a várias espécies onças, antas, raposas, veados, pacas, cutias, coelhos, tatus e muitos outros animais.

Os excedentes das plantações eram comercializados com as populações vizinhas. Em muitos momentos, os quilombolas não eram apenas pacíficos, muitos invadiam e saqueavam pequenas propriedades, causando medo e sendo considerados como perigosos. Não raro, membros da comunidade eram mortos.

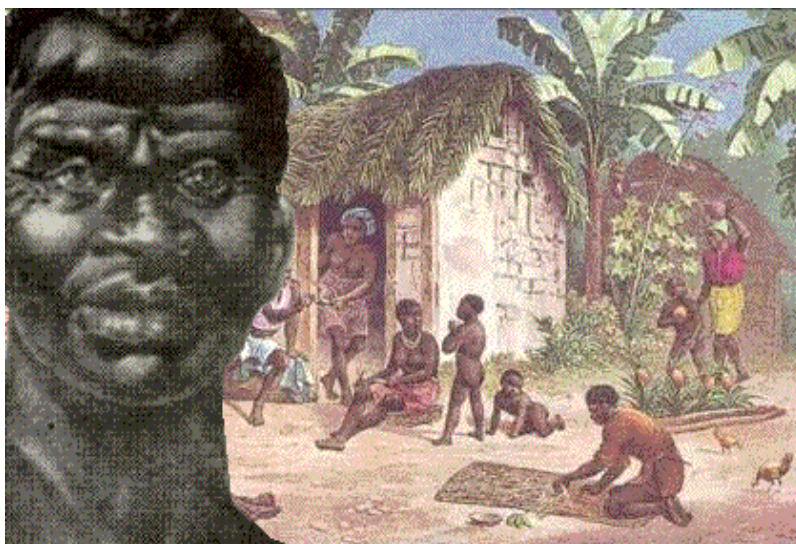
O quilombo de Palmares, para sobreviver, se uniu e bem diferente da sociedade escravista lá havia o trabalho cooperativo e comunitário. Com o trabalho artesanal, produziam cestos, pilões, tecidos grossos, potes de argila e vasilhas de modo geral, para uso doméstico da comunidade. “Usando técnicas de plantio, regadio e colheita trazidas da África, bem como uma longa experiência agrícola, os palmaríamos transformaram-se em agricultores” (MOURA, 1987, p. 50).

Plantavam o milho, feijão, mandioca, batata-doce, banana e cana de açúcar e distribuíam entre os membros da comunidade e faziam trocas com os pequenos produtores vizinhos por artigos não cultivados pela comunidade.

Para a sobrevivência nos quilombos, plantavam roças e apoderavam-se de mantimentos, armas e outros objetos, nos assaltos aos viajantes e fazendeiros. Além da lavoura de subsistência, havia um sistema de troca realizada com os moradores das povoações próximas. Para a defesa, também fabricavam armas, que se somavam àquelas conseguidas nos assaltos aos viajantes (BARROS, 1989, p. 2).

Palmares teve uma prosperidade assustadora para muitos senhores e com isso, o governo colonial foi obrigado a agir, tomando providências para destruir esta comunidade. Muitas destas investidas fracassaram (FIG 02).

Figura 02. Zumbi dos Palmares



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+palmares>.

Os quilombolas de Palmares estavam bem armados e tinham uma excelente tática de defesa. Não foi fácil vencê-los. As autoridades, temendo o número de escravos que crescia nas várias comunidades palmarinas, travavam guerras contra os quilombolas destruindo muitos destes acampamentos e entre um dos vários conflitos, a traição de um de seus membros capturados, Zumbi, o líder da comunidade, foi ferido e depois morto, teve sua cabeça cortada e salgada e levada ao governador, sendo exposta em praça pública, visando amedrontar a fim de que a

população respeitasse e não contestasse o sistema escravista e desmentir a lenda da imortalidade de Zumbi.

Para Reis (1996), não houve nenhum outro líder na história quilombola. O herói negro assassinado em 20 de novembro de 1695 data em que comemora o dia da consciência negra. Com a morte de seu líder, o quilombo não resistiu.

2.1 “QUILOMBOS” DA ATUALIDADE

Mesmo após o fim da escravidão em 1888, os negros continuaram a margem da sociedade lutando para sobreviver em comunidades afastadas. A princípio não houve nem um empenho governamental para inserir esses povos na sociedade tendo os direitos iguais como um cidadão.

Todavia, esses povos estavam livres para a prática dos seus rituais de suas religiões, danças, seus pratos enfim suas especificidades culturais.

Com o passar do tempo, ocorreram novos entendimentos do processo de estruturação das comunidades remanescentes de quilombos e os órgãos governamentais buscaram se compreender e beneficiar esses povos com políticas públicas, que dão a eles direitos a terra e uma vida digna.

Em todo Brasil são 2.465 certificados emitidos para 2.890 comunidades quilombolas. A emissão de Certidão de Auto Definição de Comunidade Remanescente de Quilombo, reconhece que a população e área que ocupam tem relação com os antigos quilombos. Com isso, a comunidade tem acesso aos direitos e amparos legais, estabelecidos pelos artigos nº 215 e nº 216 da Constituição Brasileira, que preveem a defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro e que o poder público deve promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro. Além do artigo 68, que reconhece como “remanescentes de quilombos” no Decreto nº 4.887/2003.

Muitos atualmente, estão legalmente reconhecidos e vivem em seus territórios e mantêm tradições culturais de subsistência e religiosas ao longo dos séculos.

Algumas comunidades ainda vivem bastante isoladas dos grandes centros urbanos, mas outras se tornaram mais sociáveis. A maioria delas usam como base econômica a agricultura e o comércio dos produtos excedentes, assim como faziam seus ancestrais plantando e vendendo, principalmente, verduras, algumas frutas regionais, legumes e animais. Outras, produzem objetos artesanais, além de

fazerem apresentações de dança tanto para a divulgação de sua cultura, quanto para o apoio para o desenvolvimento da sua comunidade. Ainda outras comunidades quilombolas, que vivem da agricultura são castigados com a seca dificultando a sobrevivência e a continuidade de sua cultura, principalmente a alimentação. Fazendo com que os recursos financeiros venham principalmente da fonte de renda de programas do governo.

3 ESCRAVOS E QUILOMBOLAS NO PIAUÍ

Assim como em várias partes do Brasil, o Piauí teve a presença de escravos na sua formação a ocupação do território piauiense necessitou de mão de obra escrava o território extensão territorial a caatinga que a paisagem predominante.

“A presença negra no Piauí iniciou com a ocupação do atual território, no século XVII, com a utilização de mão de obra negra escravizada para a atividade econômica predominante - a pecuária - e se mantém como referência principal nos séculos de vigência do sistema escravista” (SANTOS, 2013, p. 104)

Com as grandes fazendas de gado, a escravidão negra no Piauí era fundamental para sua subsistência. Uma de suas características era as grandes extensões de terras, sem demarcações que estabelecessem os seus limites, onde em sua maioria criavam o gado solto.

A pecuária piauiense se estabeleceu no contexto do escravismo brasileiro, traços bastante originais. Os escravos e o gado representavam todo o capital investido na empresa de criação, e cada unidade, a fazenda, detinha uma média não superior a 02 (dois) escravos. Ficando claro nessas condições, que a força de trabalho escrava não poderia ter o mesmo caráter das grandes empresas do café e do açúcar: nelas a especialização do trabalho era bem maior, enquanto que no sistema de criação piauiense, vai-se encontrar escravos se ocupando de todas as tarefas, desde vaqueiro e fabrica (ajudante do vaqueiro) conciliando tudo isso, eventualmente, com o trabalho agrícola. O relacionamento entre senhor e escravo era direto, não existindo, via de regra, a figura do feitor ou capataz. (SOUSA, 2016, p. 8)

O gado e o escravo eram um dos principais investimentos nas fazendas piauienses. O escravo das grandes fazendas tinha um contato direto com os senhores. A pecuária foi à base da economia no Piauí. De acordo com Marcondes e Falci (2001), o gado era vendido e exportado para outros estados e abasteciam, por exemplo, a Bahia, Pernambuco e até mesmo Minas Gerais.

Os proprietários entregavam suas fazendas aos vaqueiros de sua confiança e quase não visitavam essas fazendas. A ausência de proprietários de terras no povoamento piauiense pode ser explicada pelas precárias condições de vida que apresentavam aqueles sertões, onde faltava de tudo. O isolamento era o que predominava até mesmo manter comunicação com centros urbanos e com as demais fazendas piauienses eram quase inexistentes.

Lima (2015), confirma que os escravos não trabalhavam somente com o gado que era a principal atividade criavam outros animais e até mesmo a agricultura era outra atividade existente cultivavam entre outros a mandioca para a fabricação da farinha tanto para o consumo como para exportação.

A atividade dos fazendeiros não era apenas a criação de gado essa era a que mais se destacava outras atividades econômicas a criação de animais, cabras, ovelhas, cavalos e mulas outros proprietários tinham plantações de milho, feijão e mandioca, tinham casa de farinha e olarias (LIMA, 2015, p.69).

Assim como em todo território brasileiro, os maus tratos faziam com que os escravos resistissem ao sistema escravista através de fugas migratórias realizadas pelos escravizados, fugindo para a caatinga no sertão piauiense dando origem a quilombos.

No meio das matas, os escravos fugidos desenvolviam meios próprios de sobrevivência, garantia seu sustento do seu meio à natureza, plantando, caçando e fazendo trocas de mercadorias para garantirem o sustento.

No Piauí, existe uma formação diferente das comunidades quilombolas, a formação de territórios e comunidades através de concessões e doações de terras das fazendas públicas e particulares existentes no sertão nordestino. Por meio das doações de terra, garantem assim a territorialidade que se constroem à medida que permanecem em seus territórios, formando assim um vínculo onde o antigo escravo tinha sua liberdade aos interesses do proprietário da terra.

Em alguns casos, proprietários carentes de mão de obra davam ou vendia em troca de trabalhos pequenos pedaços de terra para os escravos ali eles faziam suas casas. De acordo com Santos (2013) era uma forma dos proprietários fixar o território dos escravos para garantir seus serviços.

Outros por membros da família dos proprietários das grandes fazendas formavam vínculos familiares com os escravos doavam terras a fim de ajudar a formação familiar ou para manterem separados.

Enquadrados no processo de formação de comunidades por concessões e doações de terra temos como exemplo os ex-escravizados e seus descendentes que formaram a comunidade quilombola Tapuio, localizada no município de Queimada Nova, no Piauí.

O antigo dono das terras da Fazenda Brejo em Raimundo Nonato também no Piauí doou para o Dionísio Alexandre um lote de terra da fazenda, que junto com sua esposa, Brígida Maria de Jesus, ambos ex-escravizados, construíram as primeiras casas, ainda trabalhando para o Seu Raimundo Nonato, proprietário da fazenda do Brejo. Como pagamento pelo trabalho do casal, entregou ou doou-lhe o pedaço de terra dentro da fazenda e logo então fixaram moradia.

Pouco tempo depois, quando o Sr. Dionísio Alexandre da Silva e sua esposa já estavam estabelecidos em seu sítio, outros dois casais de negros foram morar na área, e formaram mais dois sítios. Dessas três famílias se deu a formação deste território quilombola (SANTOS, 2006).

É importante ressaltar que a doação era um meio de fixação, dependência e controle para com seus moradores escravizados e seus descendentes. Isso garantia a permanência dos escravos na localidade e garantia a mão de obra.

Segundo a Fundação Cultural Palmares (2017) no Piauí existem oitenta e três Comunidades remanescentes de quilombos, certificadas pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2017. A emissão de Certidão de Auto Definição de Comunidade Remanescente de Quilombo, reconhece que todos os quilombos na área que ocupam têm relação com os antigos quilombos.

Desta forma a comunidade tem acesso aos direitos e amparos legais, estabelecidos pelos artigos nº 215 e nº 216 da Constituição Brasileira, que preveem a defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro e que o poder público deve promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro. Existem cerca de oitenta e nove comunidades quilombolas, muitas dessas comunidades dentro do território Piauiense já possui o certificado quilombola e estas são reconhecidas e documentadas.

Em São João do Piauí, sendo alvo da colonização e por isso tendo recebido escravos houve a formação de quilombos, embora tenha se dado de forma diferenciada de outras regiões do País. Não houve a fuga em grandes grupos de escravos, mas a houve a formação do quilombo do Riacho, a partir da doação de uma terra de herança, em torno da qual se formou a familiar de Anselmo e Justa, dando origem a outras famílias, que foram se organizando em comunidades.

O quilombo do território Riacho dos Negros é a união de pequenas comunidades, criadas e povoadas à medida que os descendentes de Ancelmo iam aumentando.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL:

- Investigar a herança alimentar quilombola na comunidade Riacho do Anselmo.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Examinar a organização da comunidade;
- Analisar as práticas alimentares da comunidade;
- Refletir sobre a herança cultural e alimentar na comunidade.

5 METODOLOGIA

A construção da análise, bem como o desenvolvimento do texto, levou em consideração algumas etapas, aqui pontuadas como base como meio de interagir com o objeto:

Pesquisa bibliográfica – identificou-se autores que abordaram sobre a trajetória dos negros africanos na chegada ao Brasil e descrevendo as formas de resistência dos negros a escravidão Moura (1987), Silva *et al* (2014), Treccani (2006), Lima (2015), Reis (1996), Carvalho (2013). Também destaca-se os quilombos no Piauí como foi a trajetória no estado piauiense mostrando qual era sua principal atividade o aporte em Pessoa *et al* (2014), Santos *et al* (2013), Marcones *et al* (2001), Sousa (2016). Sobre a cultura e alimentação quilombola Pinto (2006), Mintz (2001), Cestari *et al* (2014) contribuíram com a análise.

Pesquisa de campo – Realizou-se a pesquisa de caractere etnográfico por meio de visitas a comunidade e da observação, foi feito um levantamento das práticas e por meio de conversas e registro dos mais velhos sobre a história da comunidade. Nessas visitas a comunidade, foi realizada registros fotográficos. Durante o desenvolvimento do trabalho houve visitas na feira de São João do Piauí, nas roças na comunidade para registrar a história da comunidade.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Espaço da tradição de seus descendentes africanos, os quilombos têm sua identidade preservada pela perpetuação de seus costumes e de suas tradições, repassados, ao longo dos séculos, pelos mais velhos aos mais novos. Por meio das histórias e de práticas milenares, repassam a memória de um povo. Desde a utilização da natureza buscando a cura de seus males, da agricultura embora a seca tem dificultado a pratica da caça para se alimentarem estes e outros são saberes preservados dentro da comunidade.

“Região de baixo” ou “Riacheiros” como é conhecida entre a população Sanjoanense à comunidade Riacho do Anselmo, fica localizada a 30 quilômetros da sede do município de São João do Piauí é caracterizada pelo seu isolamento como relata os moradores “fica na ponta” foi à primeira comunidade do ‘Território Riacho dos Negros’ o mesmo com um território vasto de terra dentro deste território a pequenas comunidades que carregam a mesma história com o objetivo de explicar sua existência. O Território se configurou com uma área de 45 mil hectares, onde se encontram as melhores terras do Município, por ser cortado pelo rio Piauí e possuir muitos baixões e riachos (FIG 03).

FIGURA 03: Vista panorâmica do Território Quilombola Riacho dos Negros



Fonte: Google Earth com adaptação da autora

No Riacho do Anselmo onde tudo começou, é uma das comunidades brasileiras certificadas pela “Fundação Cultural Palmares” como “Remanescente de Quilombo”. De acordo com Raul Aquino² primo de Anselmo que mora na comunidade foi ocorrido em meados de 2006, sendo que em 2017 no mês de dezembro se completam 306 anos de ocupação na região.

Raul Aquino (2017), informa incansavelmente que o filho de um rico fazendeiro de cor branca dono de escravos da região de cima como a comunidade é conhecida pela população de São João, se refugiou nos grotões do Riacho foi protegido por seu pai, visto que tinha sido enviado para Salvador, para estudar e logo voltou com uma negra que tinha arrumado por lá. Justa era o nome da mulher e Anselmo roubou essa moça e casou se com ela. Justa veio de Salvador, abandonou sua família e veio para o Piauí e formou vínculos com Anselmo.

Acrescenta Raul Aquino, que o pai de Anselmo era um rico fazendeiro dono de escravos e envergonhado com a atitude do filho afirmou “tu não tens jeito, pega essa tua negra, fica no riacho e vai criar teus negros” desta forma conta o sr. Raul Aquino que o pai de Anselmo deu a ele o direito as terras e uma quantidade de escravos na região de baixo e ali o filho do fazendeiro Anselmo, viveu com seus negros e formou sua descendência” (RAUL AQUINO, 2017).

Anselmo e Justa seguiram as recomendações do pai de Anselmo, e tiveram seus filhos na fazenda Riacho e à medida que seus descendentes foram se multiplicando, foram povoando as variadas localidades, dando-lhes nome e ali criando os seus modos de viver e se relacionar com a natureza, território esses mais próximo do rio tornava mais fácil tirar o sustento. Da união com Anselmo, Justa teve sete filhos que se espalharam neste território dando origem a descendência de Anselmo.

No Riacho, Anselmo era conhecido por ser caçador, caçava para alimentar a família e para conseguir dinheiro.

Os descendentes foram saindo do Riacho do Anselmo, por ser mais isolado e de difícil acesso e por conta da falta de água que sempre foi um problema para comunidade espalhando dentro do território dando origem a comunidades como

² Raul Aquino Gomes, é primo de Anselmo legítimo, nasceu em 1929.

Junco, Malhada, Estreito, Curral Velho, Saco, Curtume. Essas comunidades por se localizarem mais próximo da zona urbana e do rio era mais fácil à sobrevivência.

Assim, essas comunidades são ramificações do Riacho do Anselmo que passou a ter um território vasto que leva o nome de Território Riacho dos Negros. Uma localização privilegiada por ser cortada pelo rio Piauí, dessa forma existe baixões, riachos, grotões, o verde da margem do rio sendo algo visível de longe (FIG 04).

Figura 04: Território Riacho dos Negros



Fonte: arquivo pessoal

As comunidades quilombolas casavam entre si, aspecto observado por Meneses *et al* (2015)³. O casamento entre membros da mesma família, garantia a permanência em seus territórios. Na comunidade do Riacho do Anselmo, essa pratica é mantida até hoje, Jaquina Pereira afirma “aqui somos todos da mesma família”.

Alguns saíram do território em busca de melhores condições de vida por conta da seca, da falta de chuva a vida na comunidade ficou cada vez mais difícil. Conforme sr. Sérgio Pereira, que nasceu e cresceu na comunidade e hoje tem 87 anos, conta que “quando criança seus pais ensinaram cultivar a terra e ter o que comer da terra, mas naqueles anos se tinha chuva, tinha inverno plantava se feijão, milho e dava para comer até o próximo inverno. Hoje em dia acabou prepara se a terra e só tem prejuízo”. Muitos jovens saem da comunidade para ganhar o sustento na cidade e ajudar seus pais que continua vivendo na comunidade.

³ Comunidade estudada quilombola de Patioba, Japaratuba, Sergipe.

No Riacho do Anselmo, ainda existe primos legítimos de Anselmo o sr. Raul Aquino com 88 anos (FIG 05) narra parte da história de seus ancestrais. Lembra até mesmo onde era a casa de Anselmo e até hoje vive assim como seu pai lhe ensinou, da roça, criou seus filhos do suor do seu trabalho que se espalharam no território riacho dos negros. Isolados criaram e recriaram modos de garantir a sobrevivência dependendo da natureza, um exemplo disso é que caçavam para ter a mistura que segundo ele “dá força do seu trabalho”. Viveram da agricultura em grupo preservando suas vidas e cultura ao longo dos anos.

Figura 05: Raul Aquino Gomes e sua filha Rita Aquino



Fonte: arquivo pessoal.

7 CULTURA E TRADIÇÃO DO TERRITÓRIO RIACHO DOS NEGROS

A população que ocupa as florestas naturais com toda a diversidade destes ambientes, desenvolve cada qual a sua maneira, formas de explorá-la para a sua sobrevivência. De acordo com Pinto *et al* (2006), entre suas culturas destaca-se o conhecimento sobre o uso de plantas para fins medicinais. O uso de plantas medicinais é uma prática antiga repassada oralmente de geração a geração pelos seus ancestrais. No território Riacho dos Negros, que a população que ocupa ao longo dos 306 anos existe o uso e conhecimento sobre remédios caseiros principalmente entre os mais velhos por ser um território com várias espécies de vegetais eles trazem consigo essa herança dada por seus ancestrais. Assim, fazem garrafadas conhecem as espécies e suas propriedades vendem quando alguém necessita. Entre essas, está a casca de aroeira, pau de rato, inharé e outras além disso tiram as cascas quando recebem encomendas e vendem. Nas várias comunidades dentro do território a outras riquezas culturais.

No Saco Curtume, a principal manifestação cultural é a Capoeira de Quilombo o grupo atua nas escolas dentro do território Riacho dos Negros a proposta deles é incentivar valores culturais aos novos e tentar manter a juventude na comunidade. E na cidade de São João do Piauí e outras localidades a Capoeira tem como foco a geração de renda e a divulgação de sua cultura. A capoeira é uma herança africana ligada à cultura brasileira, é um patrimônio imaterial a fundação cultural palmares tem por finalidade promover e preservar esta cultura.

Outra cultura presente no Saco Curtume e as rezadeiras e benzedadeiras. Existe também no Saco Curtume o umbandista mas não possui terreiro, o trabalho é feito na própria casa. Por viverem afastados, diante da dor e das dificuldades para receber tratamento, recorrem à ajuda divina e eles acreditam que estes têm o privilégio da cura. Esta pratica se mantém dentro das comunidades quilombola de acordo com Pessoa (PESSOA *et al*, 2014, p.3) “É uma prática passada através das gerações. Elas foram, quando crianças e levam seus filhos (as) ainda hoje”.

O Saco Curtume fica próximo do rio, muitos na comunidade aproveita e cultivam cheiro verde, banana, manga, feijão, milho, abóbora tanto para o consumo, como vendem na feira em São João do Piauí, essa pratica e feita em muitas comunidades do Território Riacho dos Negros (FIG 06)

Figura 06: Residentes da comunidade Saco Curtume.



Fonte: arquivo pessoal

Na comunidade Junco a um território rico em água além de ser próximo do rio Piauí lá existe alguns poços jorrastes, onde os agricultores aproveitaram a abundância de água e fizeram encanação conduzindo essa água para as plantações ali encontrasse banana, goiaba, manga, milho, abobora, macaxeira.

Muitas destas plantações estão na margem do rio. Segundo seu Manoel Rodrigues “plantar próximo do rio diminuí os gastos as terras são boas, tudo que se planta colhe aqui nós temos comida para nós e para o bicho e ainda dá para vender. O poço jorrante não para é molhando o tempo todo”.

FIGURA 07: Manoel Rodrigues na roça no Junco.



Fonte: Arquivo Pessoal

Outra cultura que a comunidade mantém até hoje é a produção de peças de barro uma cultura tradicional em muitas comunidades quilombola.

Práticas tradicionais existentes em inúmeras comunidades ao longo do território brasileiro são fruto do acúmulo de saberes transmitidos por gerações. Os artesãos são herdeiros e detentores de conhecimentos que, sob sua expertise, são transformados em artefatos que exprimem valores, representações e sua identidade cultural na atualidade (CESTARI, et al, 2014, p.87).

Essas práticas mantêm as tradições culturais que são transmitidas por gerações. Os membros da comunidade fazem peças de barro que além de servir para o consumo da comunidade como por exemplo, para colocar água, são vendidos na feira em São João do Piauí. Vendem principalmente os potes de barro para guardar água, cofres, peças para enfeite de casa como vaso para plantas e vasos para arranjo de flores. Mais também fazem jarras, potes, caqueiros, bacias, pratos de mesa.

Figura 08: Peças de barro na feira de São João do Piauí



Fonte: arquivo pessoal

Na comunidade Curral Velho uma cultura que tem seu espaço é o batuque⁴ e o reisado tem até um salão de ensaios e apresentações culturais na comunidade e em regiões vizinhas.

Figura 09: Reisado



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=reisado+de+quilombo>

Dentro do território Riacho dos Negros existem várias comunidades que plantam e fazem o desmanche da mandioca brava e mansa não só no período de inverno mais também na seca. A macaxeira é o que mais se produz, segundo dona

⁴ Danças acompanhadas de instrumento e percussão e, por vezes, também de canto.

Maria Rita Pereira “da macaxeira se aproveita tudo, engorda bicho é só cortar a macaxeira em pedacinhos e jogar para os bichos no caso a mandioca tem que colocar para secar quase uns dois dias senão mata os bichos, até as folhas da mandioca deixa os bicho doente e pode até matar, com a macaxeira também faz farinha e massa fresca para o beiju. A macaxeira é mais fácil de lidar dá menos trabalho”. Segundo ela quase não se planta mais a mandioca brava.

Em algumas comunidades dentro do território, tem sistema de irrigação da água do rio, visto que na estiagem o rio não seca completamente, abrem às comportas da barragem⁵ isso mantem as plantações o ano todo. Fazem a tapioca seca, fresca e a massa ralada para fazer bolo e vendem na feira um exemplo disso e Maria Rita Pereira “toda segunda tem” diz ela (FIG 10) Maria Rita Pereira Nunes nasceu e se criou no Riacho do Anselmo mais faz algum tempo que ela mora no Junco comunidade próxima do rio.

Figura 10: Maria Rita na feira de São João do Piauí



Fonte: Arquivo pessoal

⁵ Barragem Jenipapo no rio Piauí.

8 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO

Atualmente a comunidade Riacho do Anselmo é composta por 49 famílias e eles afirmam que todos ali são parentes. Essas pessoas estão ligadas não apenas por estarem no mesmo território em busca do mesmo objetivo, mas por terem laços de parentesco (FIG 11)

Figura 11: Membros da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal

A associação comunitária é composta por 49 pessoas que representam as famílias o presidente o Jose Orlando que pertence à comunidade Baixão, foi eleito no mês de setembro. O antigo presidente da comunidade, por não ter escolaridade, reclama aos associados que eles não conseguiram que a comunidade se beneficiasse dos programas do governo trazendo projetos. E isso fez com que eles procurassem alguém mais instruído para ser o presidente, mesmo que fosse de outra comunidade.

A falta de apoio do governo, dificulta a vida dos quilombolas visto que a seca tem castigado os agricultores. Eles afirmam que no passado dava para viver da roça

tinha chuva eles aravam e plantavam e era uma felicidade por que eles colhiam já faz algum tempo que o inverno acabou.

Atualmente, um dos programas que a comunidade se beneficia que é uma das bases de sobrevivência e o bolsa família este programa afirma o presidente da associação, José Orlando “todos na comunidade que se enquadra no programa tem o bolsa família”. É uma das fontes de renda segura para quem não é aposentado.

O programa garantia ou seguro safra beneficiou muitos na comunidade e com este dinheiro que recebem durante alguns meses compram o que necessitam. Este ano, nem todos que se inscreveram no Riacho do Anselmo conseguiram receber tal seguro onde a grande maioria não foram aprovados.

8.1 PRATICAS DA COMUNIDADE

Embora o Riacho do Anselmo seja considerado uma comunidade de agricultores, houve mudanças ao longo do tempo o que obrigou vários habitantes do lugar a diversificarem suas atividades econômicas e por consequências as práticas alimentares.

De acordo com a memória local há alguns anos atrás, era menor a dependência do mercado de fora, eles plantavam milho, feijão, macaxeira, batata doce, abóbora, pescavam no rio, produziam para o próprio consumo, de forma que todas as famílias locais trabalhavam com agricultura e conseguiam ganhar o sustento na própria comunidade.

De acordo com Sergio Pereira, morador da comunidade Riacho do Anselmo “os bichos da roça tinham abundância para se alimentarem eram alimentados da macambira, cana, capim que tiraram do mato não era preciso comprar ração comiam à vontade os animais criavam animais soltos cabras, bodes, ovelhas, galinhas alguns tinham até bois e porcos tudo isso para sobrevivência, as vezes vendia para comprar algo. A vida era mais fácil antes tinha inverno, tinha água”.

Atualmente, esse quadro se modificou, já que alguns deles exercem outras atividades econômicas que não são relacionadas a agricultura. Alguns para se manterem vivem de fazer bicos⁶ assim relatado por eles, de pedreiro, ajudante de pedreiro, trabalham na roça de outros fazendeiros, vaqueiros, outros aproveitaram

⁶ Pequenos serviços.

as firmas de linha de transmissão e energia solar na cidade de São João e foram trabalhar.

As mulheres criam galinhas, tanto para o consumo como para ajudar a comprar alguma coisa para casa como leite, café, açúcar e outros também utilizam os ovos para vender na feira de São João do Piauí (FIG 12).

Figura 12: Ovos de galinha caipira



Fonte: arquivo pessoal

Fazem trabalhos domésticos como limpeza de casas e lavagem trochas de roupa. O dinheiro certo é dos aposentados que gerencia esse dinheiro ajudando membros da família.

Dentro da comunidade tem muita dificuldade de água, visto que a fonte da água encanada é um poço e em alguns lugares dentro da comunidade a água vem fraca. De acordo com Zacarias Nunes “ainda é para dar graças a Deus que o atual prefeito após ter tomado posse mandou equipar o poço. Antes pegava na cabeça ou de animais”. No Riacho do Anselmo existe outros poços, mas devido a falta de recursos para equipar isso os impede de trabalhem com irrigação. O rio Piauí fica distante da comunidade. As outras comunidades dentro do território ficam a margem do rio Piauí e muitos fazem plantações nas margens que ajuda no sustento em alguns lugares têm até poços jorrantes que facilita manter o cultivo durante todo ano.

Mesmo assim, apesar das dificuldades ocasionadas pela falta de água e a seca no Piauí alguns esperam que se tenha um inverno bom para plantarem o milho,

feijão, macaxeira, abobora e outros. Outros já desistiram, tem medo de arriscarem seus poucos recursos.

Foi observado que, muitos estão preparando outros já prepararam a terra para plantar. No mês de dezembro alguns dentro da comunidade estavam arando a terra com seus animais.

Muitos que tem a agricultura nas suas raízes não desistem, foram criados na roça pedem a Deus por um bom inverno, segundo dona Edilene Ribeiro "este inverno promete faz tempo que nós não vemos inverno bom nós não desistimos, alguns que plantaram no mês de dezembro perderam as plantas morreram por que a chuva foi pouca mais este mês de janeiro tá bom de chuva ai nós plantamos de novo. Outros já tão é perto de colher mais graças a Deus este ano o inverno está sendo bom e nós vamos colher muito e guardar feijão para o ano todo". Quando o inverno é bom a fartura é grande têm o milho, feijão, abobora, macaxeira, umbu, maxixo tanto para o consumo de casa como para vender. Segundo dona Rita Aquino "os povos na feira têm para escolher feijão verde, milho, abobora têm tanto que fica barato por que têm demais".

8.2 A CULTURA ALIMENTAR DA COMUNIDADE RIACHO DO ANSELMO

A análise feita da alimentação da comunidade Riacho do Anselmo se deu a partir da observação, contato com os moradores e por meio de conversas.

Os quilombolas por viverem isolados, afastados, a agricultura ao longo dos anos tem sido umas das principais fontes de alimentação destas comunidades. No entanto, com a seca no Piauí a comunidade Riacho do Anselmo tem enfrentado outra realidade, tempos de invernos sem chuva impossibilitando o trabalho com a agricultura. Além disso ainda há problemas frequentes de água na comunidade. Só tem um poço equipado para abastecer todas as casas quando este danifica fica ainda mais difícil. Como relatou um membro da comunidade, Sergio Pereira, "a seca tem castigado, ainda bem que o feijão dá para tirar um pouco com pouca chuva". Por conta da seca relata sr. Sérgio Pereira, "nós quase não plantamos, alguns anos para trás eu preparei a terra, rocei a terra fiz queimada, esperei a chuva chegar e plantei. Isso envolve gastos, plantei e não choveu perdi tudo. Não colhe e o pouco dinheiro que tinha gastei".

O governo federal por meio do programa seguro safra⁷ beneficiou alguns agricultores na comunidade, mas outros não foram beneficiados e ficaram no prejuízo (FIG 13).

Figura 13: Maria Pereira moradora do Riacho do Anselmo



Fonte: Arquivo pessoal

Isso tem impedido até mesmo a continuidade de sua cultura alimentar que é a plantação do milho, do feijão e da macaxeira e da batata doce, abóbora. Quando tem inverno, tem milho assado, cozido, pamonha, canjica, preparações essas que vem lá dos seus ancestrais. Maria Pereira afirma: “fui criada com milho, feijão, carne só quando tinha”. Do milho embora seja comprado na cidade eles consomem o cuscuz com regularidade. Segundo relatado por Dona Maria Pereira “consomem o cuscuz com leite e rapadura”.

Utiliza-se muito a macaxeira em várias preparações com carne, cozida com um cafezinho, com a massa produzem o beiju cultivado dentro do território Riacho dos Negros muitos plantam nas proximidades do rio outros tem sistema de irrigação. Há muitos anos atrás relata dona Rita Aquino “era muita macaxeira na comunidade, tinha a casa da farinha onde todos se juntavam, era uma festa”.

Hoje essa prática no Riacho do Anselmo não existe mais, a casa da farinha é coisa do passado, mas ainda há o cultivo na comunidade de alguns pés de

⁷ Objetivo do Programa é assegurar condições mínimas de sobrevivência aos agricultores/as familiares sujeitos a perda de safra em função da seca, situados no Nordeste.

macaxeira apenas para o consumo de casa e para alimentar os animais. Segundo Rita Pereira: “quase não se planta mais a mandioca. Ela é mais trabalhosa a macaxeira é mais mansa, e dela se aproveita tudo joga as cascas para os bichos é só corta ela e dá para os bichos comer com ela faz tudo”.

Embora a seca tenha impedido a plantação desses alimentos isso não os impediram completamente de consumir pratos que fazem parte de suas culturas. Afirmam ter diminuído a frequência, mas não houve o esquecimento. Milho com feijão, com carne ou sem carne, e o mugunzá consomem até hoje. Outro prato que consomem com regularidade é o arroz com feijão misturado baião de dois heranças dos seus ancestrais.

Quando tem chuva planta o feijão e colhem para o ano todo até o próximo inverno. “As plantas mais cultivadas eram o milho e o feijão, usados para o seu natural sustento” (CASCUDO, 1968 *apud* FERNANDES, 2013)⁸. Isso não mudou consomem regularmente seja cultivado na comunidade ou em outras comunidades dentro do território.

Por conta da seca houve a necessidade de se trazer regularmente alimentos da cidade. Na segunda-feira dia de feira, no início do mês grande parte da comunidade faz compras na cidade conta dona Maria Pereira que “os carros vem lotado, é tanta sacola e saco que nem cabe o povo, chega o carro vem baixo”.

Os quilombos da atualidade do Riacho do Anselmo saíram do consumo apenas da roça de consumirem o milho plantado ali, e desse alimento surgem vários outros como a canjica, pamonha e assim vão para os mercados como a única forma de garantirem sua sobrevivência no período de dura seca, deixando, desta forma, os modos e saberes repassado de pai para filho.

Assim, com a nova realidade para a preparação dos alimentos é possível verificar a introdução de temperos industrializados, leite em pó, achocolatado, massa de trigo, carnes e produtos industrializados como linguiças, salsicha, mortadelas, quitutes e frango.

Em conversas, foi possível notar a insatisfação e tristeza com relação a esta dependência. Dentro do território, existem comunidades que eles plantam e colhem e não gastam o dinheiro que possuem nos mercados e com as vendas dos produtos excedentes eles fazem é ganhar mais. Desta forma eles consomem alimentos

⁸Comunidade pesquisada São Miguel Maracaju (Mato grosso do Sul)

saudáveis. Conforme sr. Raul Aquino “assim o produto não tem veneno e é por isso que os mais velhos não andam adoecendo os novos de hoje só vive empesteados”. A falta de chuva e de água dentro da comunidade tem feito com que muitos saiam do Riacho para morarem em outras comunidades no mesmo território, segundo Jaquina Pereira “do Riacho só ficou os mais velhos” (FIG 14).

Figura 14: Maria Natalia Pereira



Fonte: Arquivo pessoal

Na comunidade, muitos utilizam a lenha e o gás para cozinhar desta forma o gás dura mais tempo. Eles criam animais sendo na maior parte galinhas, galos soltos no terreiro sempre tem à disposição é o ovo de galinha que é muito consumido na comunidade alguns aproveitam e vendem esses produtos para comprar alguma coisa que falta em casa como o sal e açúcar. Da galinha surgem preparações como galinha com arroz, galinha com pirão, galinha assada.

Eles também criam porcos só para o consumo e são criados tanto em chiqueiros quanto soltos assim é fácil ver na comunidade. Do porco, se aproveita tudo até a cabeça no caldo. Quando são abatidos espera se que sejam cheios de banha por que essa banha é o óleo de muitas preparações como, por exemplo, para o feijão.

Os bovinos são poucos e muitas vezes a carne de gado é adquirida no mercado. Poucos consomem leite de vaca POIS a maioria tem que comprar e na tentativa de economizar consomem muito chá. São poucos os que têm gado na

comunidade.

A cabra, carneiros e ovelhas é fácil observar o curral do lado das casas grande. Maioria é só para o consumo e uma vez ou outra vende para apurar um dinheiro. Do carneiro e da ovelha se aproveita tudo. Produzem a buchada, muito apreciada na comunidade, e a fussura⁹ preparação que lembra o sarapatel sem sangue e com a cabeça do animal no caldo.

Eles relatam que para manterem esses bichos na seca não é fácil com poucos recursos que eles têm, às vezes, precisam comprar ração para não ver os poucos bichos morrerem.

Além destes animais criados para a alimentação, também se criam cavalos, jumentos e cães. Os cavalos e jumentos são utilizados como meio de locomoção e transporte de materiais e água. Os cachorros acompanham os donos nas caminhadas até as roças ou ajudando na caça.

Dependendo da época, encontra-se umbu, e dele preparam a umbuzada cozinham o umbu e retiram o caroço e batem com leite. De acordo com Jaquina Pereira “eles costumam comer com cuscuz”. Fazem polpa para vender na feira e ensacam a fruta e vendem e diz dona Maria Rosário Pereira que “não dá para nada vendem tudo” (FIG 15).

Figura 15: Pé de umbu



Fonte: Arquivo pessoal

⁹ Prepação feita com a cabeça, miudezas o bofe, língua, coração, fígado no caldo.

A caça é uma prática frequente na comunidade muitos, caçam tatu, lapicho, peba, cutia para o próprio consumo de sua família e isso supre a necessidade de ter uma carne para uma refeição.

Além disso, caçam passarinho rolinha, juriti, pombos que podem ser fritos frescos ou colocam sal e leva ao sol para secar, com esses bichos e aves dão origem a frituras que acompanha o baião de dois. Na comunidade consomem bebidas como refrigerante, bebidas quentes como a cachaça e a cerveja. É possível encontrar bares na comunidade onde durante o dia grupo de homem jogam dominó ou baralho na sombra de uma árvore.

8.3 ALIMENTAÇÃO DO COTIDIANO

Relata dona Maria Rosário Pereira, que a jornada do dia começa com o aroma daquele cafezinho feito em casa. O café é uma bebida aceita na maioria das casas, a prova é que a quem chega não demora muito para se oferecer um cafezinho, todos bebem, desde crianças a adultos. O café industrializado é comprado no mercado. Diversos alimentos acompanham essa bebida, cuscuz com óleo de soja ou ovo de galinha caipira, macaxeira cozida, batata doce, beiju, biscoito, eventualmente o pão. Algo que substitui o café é o chá de capim santo por exemplo.

Arroz, relata seu Raul Aquino um dos mais velhos da comunidade “era coisa de rico”. Hoje tem quase todos os dias nos pratos da comunidade. As carnes eram cozida ou fritas. Segundo dona Maria Rosário Pereira “comer galinha caipira feita com pirão é fácil é só ir no terreiro e matar uma galinha”.

O jantar ou é a sobra do almoço ou é feito novamente. Geralmente sempre é arroz com feijão, baião de dois e uma mistura ovos, salsicha, mortadela ou carne quando tem em casa. O feijão com farinha e óleo de soja, comendo, fazendo bolinhos com a mão e é muito apreciado por alguns. Outra preparação é farinha com rapadura ralada e óleo de soja. Abóbora é outro alimento bem consumido na comunidade, sozinha ou com leite (FIG 16).

Figura 16: pé de abobora



Fonte: arquivo pessoal

8.4 ALIMENTAÇÃO EM DIAS DE FESTAS

Das memórias relatadas pelos mais velhos, em 1932, foi o ano de seca severa. No Riacho do Anselmo, depois de uma promessa feita por Anselmo para encontrar água e encontrou surgiu, o festejo de Coração de Maria até hoje realizado anualmente. Anselmo prometeu que seus filhos e netos sua descendência comemoraria.

Esse festejo é comemorado durante as 31 noites do mês de maio, na comunidade recebe a presença de outras comunidades. Todos os dias do mês de maio tem reza. Onde a mais velha “puxa” a reza. Na última noite de reza tem jogos de futebol onde os jogadores das comunidades do território disputam a vitória, a após os jogos que é momento de muita alegria entre eles, todos vão se deliciar de um banquete feito pelas mulheres da comunidade e um prato que fazem eventualmente é o mugunzá no festejo.

Figura 17: Mugunzá



Fonte: Arquivo pessoal.

No local, geralmente preparam o arroz, carne frita ou em caldo e o feijão e todos se alimentam. Todos se unem para a preparação das refeições. Até hoje seguem a tradição de Anselmo.

Dentro do território do Riacho dos Negros celebram, em dezembro, a festa de Santa Luiza. São nove noites e no final da festa também há preparações assim como no Riacho do Anselmo e todos se alimentam. Além desse, festejam no mês de agosto a trezena (13 noites) dedicado a Bom Jesus da Lapa com muita reza. No primeiro dia, pela manhã há uma queima de fogos e no último dia essa prática se repete. Outra festividade é a semana santa e o festejo junino que é comemorado fora do território, em São João do Piauí.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade do Riacho do Anselmo é um exemplo vivo da contribuição para a formação da nação brasileira. Riqueza essa que, para se manter tem sido algo difícil. Visto que a necessidade de água tem dificultado a vida da população fazendo com que muitos que vivem da agricultura, saem para outras comunidades dentro do território Riacho dos Negros.

No território Riacho dos Negros, vimos mais evidências desta riqueza cultural, as comunidades ocupam e exploram a natureza para sua sobrevivência foi observado que usam as plantas para fins medicinais fazem garrafadas para melhorar as enfermidades.

A cultura da capoeira, hoje na comunidade, além de divulgarem sua cultura é uma geração de renda e tem o apoio da comunidade. Outra cultura do território é as rezadeiras e benzedadeiras por viverem afastados diante da dor das enfermidades recorrem a ajuda divina.

A agricultura, dentro do território, é uma prática antiga próximo do rio com poços jorrantes cultivam a abóbora, banana, maxixe, cheiro verde e a mandioca para fazerem o beiju. Como vimos, eles cultivam tanto para o consumo de casa como vendem o excedente. Além disso foi observado que eles fazem peças de barro. O território Riacho dos Negros tem sua cultura viva ao longo do tempo.

No Riacho do Anselmo tem períodos que eles têm dificuldade de reproduzirem sua cultura a comunidade enfrenta dificuldades até por que falta água na torneira, a bomba que eles possuem não dá conta de abastecer a comunidade. E quando não há chuva no inverno para manter a sobrevivência mudaram suas atividades econômica e por consequência as práticas alimentares. Para sobreviver em tempos de seca, fazem diária de pedreiros, ajudantes de pedreiro, vaqueiros, trabalham em empresas. As mulheres criam galinhas e trabalham fazendo faxina e lavando roupa. Muitos na comunidade recebem o bolsa família que ajuda no sustento.

As condições climáticas no Piauí entristecem a população. Eles sonham com invernos bons de chuva, planejam plantar assim como seus pais lhes ensinaram eles trazem a cultura da agricultura consigo. Uma prova disso é que neste inverno, muitos no Riacho do Anselmo plantaram uns esperam colher e outros já estão

colhendo. Como citado por eles, não desistem. Mesmo não tendo bons invernos, eles mantem a cultura alimentar dos seus ancestrais comem o milho com feijão o mugunzá, feijão com arroz, buchada, ovos, galinha, beiju, umbuzada, cabeça de bode com miudezas dando origem a fussura, milho, macaxeira preparações que eles afirmam que seus pais faziam. Vivem até hoje da caça como um dos meios de conseguir a carne, cozinham com a lenha, assim como seus avós e até hoje eles fazem, isso é riqueza, e assim, precisa ser preservado.

Eles têm orgulho do seu modo de vida. Querem melhorias, sim, mais querem permanecer onde eles estão. Com isso, na comunidade Riacho do Anselmo a traços da alimentação dos seus ancestrais embora vivenciar todos os dias não está sobre seus controles. Notamos que continuam vivendo isolados e não há o esquecimento de sua cultura.

REFERÊNCIAS

BARROS, Edir Pina. **Quilombos: resistência Negra em Mato Grosso**. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br>> Acesso em 30 de out. de 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa**. Departamento de Articulação Interfederativa. Temático Saúde da População Negra Brasília: Ministério da Saúde p. 13, 2016, (Painel de Indicadores do SUS; V. 7, n. 10), 2016. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br> Acesso em 25 de jan. 2018

CARVALHO, Roberta Monique Amancio; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Comunidades quilombolas, territorialidade e a legislação no Brasil: uma Análise Histórica**. Revista de Ciências Sociais, n: 39. Outubro de 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br>> Acesso em 24 de out. 2017.

CESTARI; Glauba Alves do Vale; CARACAS; Luciana Bugarin; SANTOS; Denilson Moreira. **Artesanato tradicional, design e sustentabilidade: com a palavra quem produz cerâmica em Itamatatuiua**. Revista, volume 6, agosto 2014. Disponível em:<<http://revistas.unisinos.br>> Acesso: 13 de jan. 2018

FERNANDES, Geziane Aparecida Martins. **Turismo Gastronômico como fator de desenvolvimento local na comunidade de São Miguel, município de Maracaju**. MS. Dissertação de mestrado UCDB. Setembro 2013. Disponível em: <site.vcdb.br> Acesso: em 20 de out. 2017.

LIMA, Solimar Oliveira (Org.). **Historiografia da escravidão negra no Piauí**. Teresina: Ed. Edufpi, 2015.

MARCONES, Renato Leite; FALCI, Miridan Brito Knox. **Escravidão e Reprodução no Piauí**: Oeiras e Teresina. 2001. Disponível em: <<https://www.fearp.usp.br>> Acesso: 10 de jan. 2018.

MENESES, Ruth Cristini Torres; ZENI, Pedro Faria; OLIVEIRA, Cristiane Costa da Cunha; MELO, Cláudia Moura. **Promoção de saúde em população quilombola nordestina - análise de intervenção educativa em anemia falciforme**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem 19 (1) Jan-mar 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso: 19 de dez. 2017.

MINTZ, Sidney W. **Comida e antropologia uma breve revisão**. RBCS Vol 16 n. 47 outubro/2001. Disponível em: <www.scielo.br> Acesso 19 de set. 2017.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Ed. Ática S. A., 1987.

PESSOA, Maria Lúcia Medeiros de Noronha; MATON, Poliana Marques. **Rituais de cura na infância em Comunidade Quilombola piauiense/Brasil**. agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: <<http://www.29rba.abant.org.br>>. Acesso: 20 de set. 2017.

PINTO, Erika de Paula Pedro; AMOROSO, Maria Christina de Mello; FURTAN, Antônio. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica-Itacaré**, BA, Brasil. Acta Botânica Brasílica. v. 20, n.4, p. 751-762, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: 19 de dez. 2017.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil nos achamos em campo a tratar da liberdade. **Revista USP**, São Paulo (28): 14-39 dezembro/ fevereiro 95/96. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br>>. Acesso 24 de out. de 2017.

SANTOS, Daniely Monteiro; LIMA, Solimar Oliveira Lima. Movimento Quilombola do Piauí: Participação e Organização para além da Terra. **Revista eletrônica da UFPI**. Agosto 2013. Disponível em: <www.ojs.ufpi.br>. Acesso: 20 de dez. 2017.

SANTOS, Carlos Alexandre Pinho Barboza dos. **Quilombo Tapuio (PI): Terra de Memória e Identidade**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <repositorio.unb.br/handle/10482/5130>. Acesso 25 de jan. 2018

SILVA, Giselda Shirley; SILVA, Vandeir José. Quilombos brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. **Revista Mosaica**. v.7, n. 2. jul./dez.2014. Disponível em: <<http://www.sier.vcg.r>>. Acesso em 12 de set. de 2017, p. 191-200.

SOUSA, Valfrido Viana. **Piauí: Apossamento, Integração e Desenvolvimento (1684-1877)**. 2016. Disponível em: <<https://pos.historia.ufg.br>>. Acesso: 11 de jan. 2018.

TRECCANI, Girolarmo Domenico. **Terras de quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação**. Belém: Secretária executiva de Justiça. Programa Raízes, 2006. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br>>. Acesso em 13 de set. 2017.

GOMES, Raul Aquino. **Raul Aquino Gomes**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 novembro, 2017.

PEREIRA, Jaquina. **Jaquina Pereira**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 15 dezembro, 2017.

PEREIRA, Sergio. **Sergio Pereira**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 dezembro, 2017.

PEREIRA, Maria Rita. **Maria Rita Pereira**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 20 novembro, 2017.

ORLANDO, José. **José Orlando**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 novembro, 2017.

NUNES, Zacarias. **Zacarias Nunes**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 novembro, 2017.

PEREIRA, Maria. **Maria Pereira**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 novembro, 2017.

AQUINO, Rita. **Rita Aquino**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 nov. 2017.

PEREIRA, Maria Rosário. **Maria do Rosário Pereira**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 10 nov. 2017.

RODRIGUÊS, Manoel. **Manoel Rodriguês**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 05 fev. 2017.

RIBEIRO, Edilene. **Edilene Ribeiro**. Entrevista concedida a Deyze Maria Silva Neres, São João do Piauí, 05 fev. 2017.